

O Argumento Cosmológico

por Gordon Haddon Clark

Tomás de Aquino rejeitou o molde platônico da teologia de Agostinho e baseou seu pensamento em Aristóteles. Portanto, ele não tinha tempo para o argumento ontológico, mas reconstruiu o argumento cosmológico. Referindo-se novamente ao conhecimento, a diferença entre esses dois argumentos é basicamente uma diferença em epistemologia: para Agostinho não era necessário começar com a experiência sensorial, pois alguém poderia ir diretamente da alma até Deus; mas Aquino escreveu, “O intelecto humano... é a princípio uma tábua branca sobre a qual nada está escrito” (*Summa Theologica* I, Q:97, 2). É a sensação que escreve na *tabula rasa*. A mente não tem nenhuma forma de si mesma. Todo o seu conteúdo vem da sensação. Sobre essa base, Tomás deu cinco argumentos para a existência de Deus; mas os primeiros quatro são quase idênticos, e o quinto é tão pouco diferente que apenas o primeiro será reproduzido aqui:

A primeira e mais manifesta via é a procedente do movimento; pois, é certo e evidente pelos nossos sentidos, que algumas coisas estão em movimento neste mundo. Ora, todo o movido, por outro o é movido. Porque nada é movido senão enquanto potencial, relativamente àquilo a que é movido, e um ser move enquanto em ato. Pois mover não é senão levar alguma coisa da potência ao ato; assim, o cáldido atual, como o fogo, torna a madeira, cáldido potencial, em cáldido atual e dessa maneira, a move e altera. Ora, não é possível uma coisa estar em ato e potência, no mesmo ponto de vista, mas só em pontos de vista diversos; pois, o cáldido atual não pode ser simultaneamente cáldido potencial, mas, é frio em potência. Logo, é impossível uma coisa ser motora e movida ou mover-se a si própria, no mesmo ponto de vista e do mesmo modo, pois, tudo o que é movido há de sê-lo por outro. Se, portanto, o motor também se move, é necessário seja movido por outro, e este por outro. Ora, não se pode assim proceder até ao infinito, porque não haveria nenhum primeiro motor e, por conseqüência, outro qualquer; pois, os motores segundos não movem, senão movidos pelo primeiro, como não move o báculo sem ser movido pela mão. Logo, é necessário chegar a um primeiro motor, de nenhum outro movido, ao qual todos entendem ser Deus.

A primeira coisa a ser notada é que esse é um argumento formal. Tomás pretendia que ele fosse uma demonstração conclusiva de que Deus existe. Ele não é uma coleção de evidências que tornam plausível crer em Deus. É uma análise da experiência sensorial com a conclusão de

que somente Deus pode explicá-la. Longe de ser uma lista de evidências, ele apela somente ao seixo que desce colina abaixo ou à bola de gude que rola no chão. Ele reivindica provar conclusivamente que sobre essa base Deus deve necessariamente existir. É uma questão de necessidade lógica.

Cinco objeções podem ser feitas contra esse argumento cosmológico. Primeiro, a premissa original diz: “É certo e evidente pelos nossos sentidos, que algumas coisas estão em movimento neste mundo”.

O empirismo talvez seja uma visão do senso comum. Ele tem sido também a visão de muitos filósofos. Mas ele enfrenta objeções insuperáveis. Em primeiro lugar, os sentidos dos homens e dos animais produzem dados conflitantes. Cachorros, por exemplo, são supostos serem daltônico, mas eles têm sensações de audição quando os homens não ouvem nada. Quanto a isso, os homens diferem entre si mesmos. Os artistas esotéricos vêem cores na grama que nenhum homem comum encontra ali. Quais dessas sensações representam corretamente o objeto visto? Em alguns casos os sentidos contradizem uns aos outros, como quando a metade de uma vareta é submersa e olhando para ela você a vê entortada, mas a sente reta. Então há miragens e outras ilusões óticas. Quando elas terminam, não podemos dizer que elas eram ilusões; e não podemos dizer se nossas presentes sensações são ilusões. Novamente, estamos sonhando ou não? Um livro-texto elementar sobre psicologia descreveria muitos desses fenômenos, com o resultado de que é impossível confiar no que chamamos de percepção sensorial. Além disso, a teoria da imaginação, pela qual os sentidos são supostos serem preservados e mais tarde elevados à conceitos, colapsa com o fato de que algumas pessoas não têm imagens. Muitas pessoas carecem de imagens olfatórias ou tatauais; alguns também carecem de imagens visuais. Mas alguns deles são estudiosos habilidosos.

A segunda objeção nota que a passagem citada é mais um sumário do que um argumento completo. De fato, o argumento completo incluiria uma maior quantidade de física e metafísica. Por exemplo, a segunda, terceira e quarta sentenças no argumento citado precisam de extensa substanciação. A extensão poderia cobrir centenas de páginas, tanto em Aristóteles como em Aquino. Para o argumento cosmológico ser válido, todos os argumentos subsidiários devem ser válidos. Agora, enquanto isso seja teoricamente possível, não é provável. Certamente Aristóteles e Aquino devem ter cometido um engano em algum lugar. E um engano quebra a corrente de conseqüências. Naturalmente, alguém está seguro de se queixar que isso é injusto e evita a questão. Para evitar essa acusação, pode ser apontado que os dois filósofos usam o conceito de potencialidade. Aristóteles precisava do conceito de potencialidade para definir o movimento. Mas no terceiro livro de *Physics*, onde Aristóteles levanta esse problema, ele não somente define movimento por potencialidade, mas ele também explica a potencialidade pelo conceito de movimento. Se o estudante quiser gastar tempo, ele pode estudar o

livro *Physics* de Aristóteles para determinar se o argumento é circular ou se há quaisquer outras falhas nos livros quatro a oito.

A terceira objeção pode ser vista no próprio sumário. Perto do fim, Aquino fala sobre uma série de movimentos e motores, e diz que essa série não pode ser até o infinito. A razão pela qual ela não pode ir até o infinito é que se ela o fosse, não haveria nenhum primeiro motor. Mas desafortunadamente o argumento como um todo reivindica provar que há um primeiro motor. Portanto, Aquino usou para uma de suas premissas a própria proposição que ele queria como a conclusão.

A quarta objeção é mais complicada. Porque Aquino sustenta que a existência de Deus é idêntica à sua existência, o que não é verdade de qualquer outro objeto de conhecimento, ele deve asseverar que nenhum predicado pode ser atribuído à Deus no mesmo sentido que é dito de seres criados. Quando tanto o homem como Deus são ditos serem bons, ou racionais, ou conscientes, ou qualquer outra coisa, as palavras *bom* e *consciente* não significam a mesma coisa nos dois casos. Se dissermos que Deus é bom, nem o *bom* nem o *é* significam o que eles significam no mundo criado. Por conseguinte, quando dizemos que Deus existe, essa existência não significa existência no mesmo sentido que usamo-la para seixos ou mármores. Agora, num argumento válido, os únicos termos que podem ocorrer na conclusão são aqueles que ocorrem nas premissas. Se algum elemento adicional é acrescentado na conclusão, o silogismo é uma falácia. Mas o argumento cosmológico começa com uma existência de um seixo ou de algum objeto sensorial que se movimenta. Ele termina, contudo, com uma existência que é diferente. Portanto, o argumento é falacioso. O significado diferente da palavra na conclusão não pode ser derivado do seu significado original nas premissas.

Agora, finalmente, a quinta objeção é diretamente contra a última sentença do argumento, que é, “ao qual todos entendem ser Deus”. Mas isso não é o que todos entendem ser Deus. Particularmente os cristãos negam que isso seja Deus. Aquino reivindica ter provado a existência de um primeiro motor, um *primum movens*, um *ens perfectissimum*, ou até mesmo um *summum bonum*. Mas esses neutros não são satisfatórios para um conceito do Deus vivo das Escrituras, que se auto-revelou. Pode até ser dito que se o argumento cosmológico fosse válido, o Cristianismo seria falso. O Deus da Bíblia é uma Trindade de Pessoas. Nenhuma forma do argumento cosmológico jamais demonstrou a existência desse único Deus verdadeiro.

A despeito dessas objeções, católicos romanos continuam a depender do argumento cosmológico, bem como a maioria dos luteranos e alguns calvinistas o defendem também. J. Oliver Buswell Jr. foi um desses, pelo menos nos seus escritos mais antigos, embora ele pareça ter tido concordado mais tarde que ele não é estritamente válido. Cornelius Van Til, do Seminário de Westminster, Filadélfia, faz fortes declarações sobre

a validade do argumento. Buswell acusou Van Til de depreciar as evidências objetivas para o Cristianismo e de rejeitar o argumento cosmológico. Van Til respondeu em seu livro *A Christian Theory of Knowledge* (291-292) e acusou Buswell de formular o argumento impropriamente. Citando parcialmente de uma das suas obras anteriores, *Common Grace*, ele diz:

O argumento para a existência de Deus e para a verdade do Cristianismo é objetivamente válido. Não deveríamos rebaixar a validade desse argumento para o nível da possibilidade. O argumento pode ser pobremente declarado e pode nunca ser adequadamente declarado, mas em si mesmo o argumento é absolutamente legítimo... Consequentemente, não rejeito as provas teístas, mas meramente insisto em reformulá-las numa forma que não comprometa a Escritura. Isto é, se a prova teísta for construída como deve ser construída, ela será objetivamente válida.

Essa afirmação de que o argumento cosmológico é válido, absolutamente legítimo, uma demonstração formal, e não meramente um argumento de probabilidade, não é verdade de nenhum argumento cosmológico publicado em qualquer livro. Van Til não presta atenção às falácias entranhadas em Tomás de Aquino. O argumento que ele defende é um que ninguém jamais escreveu. Mas como ele sabe que é possível formular esse argumento ideal? O que é o argumento que ele defende? Ele insiste em afirmar que o reformulou corretamente. Por muitos anos os contemporâneos de Van Til têm o desafiado a produzir essa reformulação sobre a qual ele insiste. Ele não o fez.

Visto que Van Til e Buswell, na passagem citada, estão engajados em recomendar um método de pregar o evangelho aos incrédulos, é, sem dúvida, infeliz que Van Til não possa justificar sua posição, pois não pode se esperar que incrédulos sejam impressionados com um argumento que o próprio evangelista é incapaz de apresentar-lhes.

Fonte: *Trinity Foundation*, Setembro de 1979

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

felipe@monergismo.com

Cuiabá-MT, 07 de Setembro de 2005